



Modalidade do trabalho: Relato de Experiência

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA INFÂNCIA: ANÁLISE E REFLEXÕES¹

Patrícia Garcia Do Nascimento², Lídia Inês Allebrandt³.

¹ Relato de experiência desenvolvida na disciplina Língua Portuguesa e Literatura na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, do Curso de Pedagogia da UNIJUI- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUI, orientada pela professora Me. Lídia Inês Allebra

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIJUI, monitora da Educação no Centro de Educação Francisco de Assis, patriciagarcia.gn@gmail.com

³ Graduada e especialista em Letras/UNIJUI, mestrado em Educação/UFSC, docente do Curso de Pedagogia da UNIJUI e coordenadora PIBID/UNIJUI do subprojeto Pedagogia, lidia@unijui.edu.br

1. RESUMO

Como proposta do componente curricular Língua Portuguesa e Literatura na Educação Infantil e Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, tínhamos a incumbência de escolher uma obra literária e contar para um ou mais crianças da Educação Infantil, fazer a gravação e analisar o que víamos, considerando os estudos teóricos.

2. CONTEXTO DO RELATO

A contação de história foi realizada com a turma do Maternal I do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA, no dia 01 de junho de 2016. A obra escolhida para ser contada foi o livro Macaco Danado, escrito por Julia Donaldson e ilustrado por Axel Scheffler. Teve por objetivo relatar e analisar a experiência de Contação de História desenvolvida com crianças da Educação Infantil, na perspectiva de qualificar nossa formação docente e contribuir na formação de leitores de textos literários.

3. DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

A proposta de contar uma história para crianças pequenas e fazer esse registro por imagens para, posteriormente, podê-las analisar foi de grande valia. A história para quem a escuta é maravilhosa, mas para quem tem o prazer de contá-la é uma sensação imensurável.

Posso parecer “marinheira de primeira viagem” ao dizer isso, e talvez eu seja mesmo, mas escolher uma história, conhecê-la e entendê-la, preparar os personagens, ensaiar como iria contá-la e, ainda, atrelar tudo isso a toda a teoria que tivemos em aula foi um privilégio e um desafio. Talvez não consiga descrever tão bem em palavra o que estou sentindo, talvez não tenha desempenhado a tarefa tão bem como deveria ter feito, mas, sem dúvidas, essa experiência foi sensacional.

Eu já havia contado histórias para crianças em outros momentos, já ouvi muitas histórias também, mas nenhuma dessas vezes eu fiquei tão nervosa em fazê-la, provavelmente por ter agora a teoria ao meu alcance, o que em um primeiro momento parece contraditório, afinal se temos a teoria para conduzir a prática ela deveria ser efetivada com mais naturalidade. Mesmo assim, insisto em dizer que justamente por “saber o que fazer” e me cobrar em ver a reação delas que me senti com mais responsabilidade ainda.

Modalidade do trabalho: Relato de Experiência

Despertar o interesse e ter a atenção de criança tão pequenas na hora de contar uma história exige de quem o faz muito empenho. Contar histórias, com diz Cléo Busatto, “é uma arte, deve dar prazer para quem conta e ao ouvinte”.

Escolhi contar a história para a turma do Maternal I, do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA. São sete meninos entre dois e três anos, mas naquele dia um deles havia faltado. Preocupei-me em organizar um espaço que pudesse atrair a atenção de todos e envolvê-los.

A história escolhida “Macaco Danado” foi escrita por Júlia Donaldson e ilustrada por Axel Scheffler. O personagem principal dessa história é um Macaco que se perde de sua mãe e, com a ajuda de sua amiga Borboleta, a procuram pela floresta, passando por diversos animais até encontrá-la. Uma aventura divertidíssima e encantadora. Uma bela história de associação e identidade.

Queria que se sentissem dentro da história e, como as crianças são muito visuais nessa idade, pensei em criar cada personagem da história, colando-os em um pedaço de TNT verde com uma árvore feita com os mesmos materiais e todos os animais colocados de uma forma que todos conseguissem visualizá-los.

Coloquei as crianças sentadas em um semicírculo, em cima de um tapete e sentei na frente do “painel” da história, junto com elas.

A história começa com o Macaco Danado dizendo que perdeu sua mãe, ele pergunta para as crianças se eles a viram e imediatamente todos respondem que não, quando aparece sua amiga Borboleta para ajudá-lo a encontrá-la a reação da maioria é de surpresa e entusiasmo e assim começamos a busca pela mãe do Macaco.

As crianças participaram, ajudaram e interagiram com a história, a atenção de alguns não durou muito tempo, o pé, a calça, o livro ou o colega acabaram chamando a atenção em alguns momentos. Então, uma das questões que me deixou pensando foi justamente o porquê não conseguiam “parar quietos” para ouvir. Será que eu não soube me organizar no tempo e espaço para contar? Será que a maneira como eu me expressei não foi em tom suficiente, afinal tinham bastantes ruídos na volta? Ou é assim que reagem às narrativas que os toca? Bem, talvez tenha havido um equívoco, eu deveria ter me empenhado mais em conhecer a história, absorvê-la e conseguir contar sem me utilizar do livro, acredito que ter colocado no chão para me orientar acabou chamando também a atenção de algumas crianças e no final isso me confundiu e fez com que me perdesse algumas vezes.

Mas afinal, onde está “escrito” que para ouvir uma história as crianças precisam ficar quietas? Onde está dito eu elas não podem se mexer ou querer pegar algo?

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional...é ele o elo da comunicação (SISTO, 2005, p. 28).

É justamente esse encantamento que a história causa que faz com que as emoções e a curiosidade aflorem, elas não têm que ficar quietas, paralisadas, as crianças, assim como qualquer outra pessoa que ouve uma história, tem o direito de manifestar o que estão sentindo, isso que dá a beleza e sentido ao que está sendo dito.

É por isso que Abramovich sugere:

Para contar histórias – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção ... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte (2001, p. 18).

Entregar-se ao contar uma história, conhecê-la, divertir-se ao fazê-la e passar isso para quem à escuta. Foi pensando nisso que me dediquei com todas as forças e com muita imaginação para fazer cada personagem da história. Empenhei-me em fazer um bom trabalho, pois o fiz pensando em cada criança que iria escutá-la.

Aos pouco e com o avançar a história a atenção foi se voltando a ela novamente. As crianças estavam tão intrigadas em achar a mãe do Macaco quanto ele. Conseguiram distinguir o macaco dos demais animais e estavam concentrados em cada palavra e gesto que eu fazia.

Assim, quando chegamos ao final da história e encontramos a mamãe do Macaco vibraram como se fossem elas quem tivessem encontrado suas próprias mães. Possibilitei que falassem e com a intervenção da professora, fizemos algumas perguntas relacionadas aos animais e a história e emergiram excelentes respostas.

Senti que poder pegar e “olhar com as mãos” cada personagem da história depois de escutá-la para elas foi muito divertido, acabei não registrando essa parte, mas as falas que surgiram depois desse momento mostram como conseguiram assimilar o que ouviram e fazer com que tivesse sentido.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Depois que parei para assistir a gravação e, mesmo depois que tinha acabado de contar a história, já tinha pensado em mil coisas que poderia ter feito de maneira diferente. Mas só o fato de poder parar para fazer essas reflexões já me trouxe muitos aprendizados. Contar uma história não é tão simples, não quando se tem um objetivo. As crianças sentem quando estamos preparadas para isso e não importa a idade que tenham.

Cléo Busatto, em seu texto “Os Segredos de um Contador de Histórias” (2006), traz apontamentos que nos orientam quando vamos contar uma história. Foi com esses “segredos” que fui até as crianças, pois narrar requer trabalho investigativo, estudo e preparação. Aprendi que o ato de contar histórias vai se aperfeiçoando com o passar o tempo e de novas experiências, as técnicas vão e refinando e o gosto por contar histórias se aprimorando.

Seja onde for que as histórias soem, seja através de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam para ficar. As histórias, oriundas da tradição ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem-vindos os contadores, sejam aqueles que narram contos da tradição, sejam aqueles que narram autores contemporâneos. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que veem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados. Os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significativa e transformadora. O que fica de tudo isso é o reconhecimento do saudável hábito de contar histórias (BUSATTO, 2006, p. 127-128).

A Contação de História é uma das atividades mais antigas de que temos conhecimento. Todos, em algum momento ou por alguma razão, já contaram uma história ou histórias, pois, sejam elas quais forem, fazem parte da nossa cultura e de alguma forma, também dizem quem somos.

A Literatura Infantil é um caminho que propicia a criança conhecer esse universo mágico e encantador que são os livros, ela ajuda no desenvolvimento da imaginação, sentimentos e emoções, além de instigar a criatividade, a oralidade e contribuir na formação de sujeitos leitores. Ela está intrinsicamente ligada ao processo de ensino-aprendizagem de qualquer pessoa.

Modalidade do trabalho: Relato de Experiência

No sentido da língua, particularmente, as histórias: enriquecem a experiência;• desenvolvem a capacidade de dar sequência lógica aos fatos;• dão o sentido da ordem;• esclarecem o pensamento;• educam a atenção;• desenvolve o gosto literário;• fixam e ampliam o vocabulário;• estimulam o interesse pela leitura;• desenvolvem a linguagem oral e escrita; As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca (BUSATTO, 2011, p. 02).

Contar histórias para crianças pequenas é dar-lhes o que é de direito: o direito de estarem em contato com livros, de se sentirem importantes por saber que alguma coisa está sendo feita para elas, de experimentarem sensações que só sentimos quando estamos em contato com o outro, quando estabelecemos nossa capacidade de ouvir e nos permitimos viajar diante do que escutamos.

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (ABRAMOVICH, 2001, p. 17).

Estamos dando um “pontapé” na formação de sujeitos leitores, com autonomia e senso crítico para suas tomadas de decisões. Contar histórias mexe com o imaginário das crianças, as faz viajar, entrar em contato com fantasias, a enfrentar e entender alguns medos.

5. CONSIDERAÇÕES:

Vivemos um momento em que as tecnologias e as mídias estão cada vez mais acessíveis às crianças, as colocam em contato com informações e conhecimentos e, muitas vezes, acabam tomando os lugares dos livros. Colocar as crianças em idade escolar em contato com obras literárias, nesse contexto, se torna um desafio para nós educadores.

Em suma, desenvolver esse trabalho de Contação de História foi, sem dúvidas, fundamental para a minha formação. Poder por em prática o que estamos estudando deixa tudo com muito mais sentido. Teoricamente qualquer assunto é muito mais fácil do que na prática, mas, com certeza, essa experiência me fez repensar muitas questões que eu achava que já tinha entendido. Só quando estamos em contato com as crianças é que entendemos verdadeiramente esse universo.

Não podemos incentivar a leitura e o gosto pelos livros se nós, enquanto educadoras, não o temos. Precisamos aprender a apreciar e criar hábitos de leitura. Esse universo é encantador e poder apresentá-lo para crianças pequenas é um privilégio.

Despertar o gosto e o encantamento pelos livros é um desafio, mas um desafio que pode ser enfrentado de formas bem divertidas. Se apropriar de técnicas para apresentar as histórias para as crianças, entender a importância que isso tem e a diferença que o contato com o mundo da leitura fará no desenvolvimento cognitivo e emocional de cada um desses sujeitos é fundamental.



Modalidade do trabalho: Relato de Experiência

6. REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

DONALDSON, Júlia. SCHEFFLER, AXEL Macaco Danado. São Paulo: Brinque-Book, traduzido por Gilda de Aquino, 2000.

FRANTZ, Maria Helena. A poesia infantil. In: O Ensino de Literatura nas Séries Iniciais. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Positivo. 2ª Ed. Curitiba Série: Práticas Educativas, 2005.